

## RESENHAS





## O ANIMAL QUE LOGO SOU

Eduardo de Campos Garcia\*

Eliete M. da Silva Santos\*\*

Na primeira parte do livro observamos a apresentação assinada por Fabio Landa em que faz menção do terceiro colóquio de Cerisy, na qual a obra de Derrida foi trazida como eixo para a discussão que resultou no livro "L'animal autobiographique". Jacques Derrida, filósofo franco-argelino (1930-2004) discorre as múltiplas referências ao animal ao longo das suas obras que, em 2002, correspondia a cerca de 50 títulos.

Fabio Landa afirma desde logo, sem medo de errar, que a Derrida se deve já a inclusão de dois vocábulos da filosofia: *différance* e *desconstrução* e apresenta o nascimento de mais um vocábulo: *animot*.

No entanto, o autor Jacques Derrida leva o leitor à reflexão à medida que anuncia que falará incessantemente da nudez e do nu em filosofia, exemplifica o que Nietzsche diz: O homem é um animal prometedor, um animal que se pode prometer e que a natureza ter-se-ia dada como tarefa criar, domesticar, "disciplinar". Nessa perspectiva, Derrida nos faz questionar, "quem sou eu", quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo, aos olhos de um gato, tenho dificuldade de vencer um incômodo. Por que essa dificuldade de reprimir um movimento de pudor, um protesto contra a indecência?

O fato é que pode haver mal-estar de tal animal nu diante de outro animal? Segundo relata é como se ele tivesse vergonha, então, nu diante do gato, mas também vergonha de ter vergonha, vergonha essa injustificável, inconfessável.

Avançando o pensar, vergonha de quê? E nu diante de quem? Vergonha de estar nu como um animal. A diferença entre o homem e o animal é que é próprio dos animais o fato de não

---

\* Doutorando e mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Especialista em Libras pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá (FIJ) e em Magistério do Ensino Superior pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em Pedagogia pela Universidade Iguazu (UNIG) e Letras pela Universidade Braz Cubas (UBC). Professor do departamento de Educação da Universidade Nove de Julho (Uninove). Pesquisador do grupo de pesquisa "Estudos e pesquisa educação, cultura sociedade, estudos contemporâneos" da Uninove.

\*\* Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Nove de Julho (Uninove). Participa do projeto de Iniciação Científica sobre Educação Inclusiva, vinculado ao grupo de pesquisa "Estudos e pesquisa educação, cultura sociedade, estudos contemporâneos" da mesma instituição.

estarem nus, de não terem o saber de sua nudez, a consciência do bem e do mal. Os animais estariam nus porque eles são nus. Eles não têm o sentimento de sua nudez nem se vê nu. Em outras palavras não há nudez na natureza. Desse modo questiona o autor: "Teria eu vergonha como um animal que não tem o sentido de sua nudez? Ou ao contrário, vergonha como um homem que guarda o sentido de sua nudez? Quem sou eu então?"

A partir da página 22, Derrida aborda outra reflexão: Como pode um animal nos olhar na face? Como pode distinguir uma resposta de uma reação? Como se pode falar com alguém que responde sempre do mesmo jeito? Aborda o significado da presença e ausência da palavra "resposta". Derrida faz menção de uma passagem sobre o Gato do condado de Chester, que, por falta de se entender o sentido das palavras, tudo se perde.

O autor retoma a ideia de um gato que, quando nos olha nu, somos vistos nus antes mesmo de nos apresentar, deixa a informação de que só existe a nudez nessa passividade, nessa exposição involuntária.

Usando o relato bíblico de Gênesis, Derrida aborda o fato de a nomeação ter sido feita pelo homem antes da mulher, que recebe a ordem de sujeitar os animais, dessa forma destina os animais a experimentar o poder do homem. Segundo o autor, o animal é uma denominação que os homens instituíram um nome que eles se deram o direito e a autoridade de dar a outro vivente.

Seguindo o raciocínio, Derrida discorre uma série de situações e tratamentos que os homens submetem aos animais, justificando, dentre outras finalidades o adestramento, a experimentação genética, a produção alimentícia de carne animal, a inseminação artificial (manipulação genoma), reprodução superestimulada (hormônios, cruzamentos genéticos, clonagem etc.) todas as finalidades a serviço de um suposto bem-estar humano do homem. Hoje, não podemos negar esse evento, ou seja, assujeitamento do animal que podemos chamá-lo de violência. Os homens fazem de tudo o que podem para dissimular essa crueldade.

Derrida destaca a questão prévia e decisiva a de saber se os animais podem sofrer e salienta que a palavra "poder" vacila, "Eles podem não poder?" Poder sofrer não é mais um poder, é uma possibilidade sem poder.

Em uma segunda hipótese o autor destaca a *limitrofia*, não se trata apenas do que nasce e cresce no limite, ao redor do limite, mas a tese de um limite como ruptura ou abismo (abisal) entre nós os homens e ele o animal. Derrida informa que nunca acreditou em uma continuidade homogênea qualquer entre o que se chama o homem e o que ele chama o animal, pelo simples fato de o animal ser privado de linguagem, do direito e do poder de "responder", fala ainda que o único e indivisível limite que separaria o homem do animal é a "palavra", a linguagem nominal da palavra, a voz que nomeia. O animal é privado da palavra.

Destaca ainda que todos os filósofos (Platão a Heidegger) julgaram que esse limite era um e indivisível e que do outro lado desse limite havia um imenso grupo o do animal em geral (todo o reino animal), do animal no singular genérico (homem), segundo o autor,

[...] não há o animal no singular genérico, separado do homem por um só limite indivisível. É preciso considerar que existem "vivos" cuja pluralidade não se deixa reunir em uma figura única da animalidade simplesmente oposta à humanidade (DERRIDA, 2011, p. 87).

Derrida finaliza sua obra com perguntas inquietantes: o animal em geral, o que é? Que sou eu e quem sou eu?

DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 92 p.